

A LOUCURA REAL E VISIONÁRIA DE DOM SEBASTIÃO EM *MENSAGEM*

Cladismari Zambon de Moraes
Mestre em Literatura pela Universidade Estadual de Londrina - PR

Resumo: A presença de uma figura mítica e louca como Dom Sebastião na obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, mostra-se como uma forma de resistência e estímulo ao levante nacional pretendido em uma época de desânimo e desesperança. A loucura, vista pelo ponto de vista da Antipsiquiatria, pode ser compreendida como uma voz inaudita de resistência às regras opressivas da sociedade, sendo a loucura de Dom Sebastião como um sopro de esperança, uma possibilidade de ruptura com a morte e a estagnação de um povo que conheceu a glória e a depressão.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; *Mensagem*; loucura

Abstract: The presence of a mythical and mad character as “Dom Sebastião” in the work *Messages*, by Fernando Pessoa, is shown as a way to resistance and stimulus to a national uproar intended in a time of discouragement and despair. The madness, seen from the point of view of Anti-psychiatry, can be compared to an unheard voice of resistance to the oppressive rules of society, therefore the madness of “Dom Sebastião” can be considered as a glimmer of hope, a possibility of rupture with death and stagnation of a people who experienced glory and depression.

Key-words: Fernando Pessoa; *Message*; madness

Na poesia portuguesa dos séculos XIX e XX transparece a decepção e a nostalgia da grandeza perdida, uma ferida que não deixou de sangrar. Muitos choraram a decadência pondo-a em contraste com o antigo esplendor. Jacinto do Prado Coelho cita alguns autores como Antônio Nobre, em *O Desejado*, que exclama: “Que pátria grande! Como está pequena!”. O Doido de Junqueiro, em *Pátria*, tem queixas semelhantes ao

dizer “Tive castelos, fortalezas pelo mundo... / Não tenho casa, não tenho pão!...” (COELHO, 1983, p. 129). Após as turbulências da Primeira República, em que se ouviram vozes alternantes de energia e desânimo, transparece na poesia portuguesa a imagem embaçada de uma nação doente, estagnada, subtraída ao tempo. É esse o povo português que Pessoa descreve em *Mensagem*. Um povo envolto em nevoeiro e incerteza. (COELHO, 1983, p. 130)

Muitos dos textos escritos nessa época eram lidos com emoção e tensão, admirados como atos de coragem frente à ditadura salazarista. A emigração em massa era sintoma do abatimento nacional sob o jugo salazarista. O exílio político também era motivo de separação e saudade. Portugal torna-se ausência e os poetas passam a concebê-lo como o país que poderia ter sido, como pura virtualidade, promessa não cumprida. Vivem pela memória do passado, inspiram-se na mitologia coletiva, exaltam os feitos ancestrais, invocam D. Sebastião, profetizam o regresso do salvador animados pela esperança de um renascimento. (COELHO, 1983, p. 131)

Perante o sentido da História portuguesa, divergem, naturalmente, os poetas. Nesse sentido, Lima aponta para a não implicação da literatura com a verdade objetiva na medida em que o poeta não documenta suas convicções ou valores ao falar “das saudades por um marinheiro ou a tomar um criminoso, um asceta ou um marginal como seu herói” (LIMA, 1986, p. 193). O discurso literário, portanto, não se apresenta como prova, documento, testemunho do que houve, pois está mesclado com o que poderia ter havido, com o desejo do que tivesse acontecido. Dessa forma, percebemos que a interpretação tradicional atribui os eventos e os atos sublimes dos heróis a um plano de Deus, como em *Mensagem* de Fernando Pessoa. Outros poetas, no entanto, não consideram o Império motivo de orgulho, mas de vergonha e responsabilizam os homens pelos seus crimes. Essa divergência de sentidos se alimenta de experiências vividas ou possivelmente vividas, mas não as documenta.

Em nosso artigo, no entanto, nos deteremos a abordar a visão de Fernando Pessoa em *Mensagem* em sua evocação de uma figura mítica e louca como forma de resistência e estímulo ao levante nacional pretendido em uma época de desânimo e desesperança. Pessoa defende a tese de que a decadência das instituições portuguesas prenunciava o mais forte indício de que estava por surgir um poeta que superasse a narrativa camoniana e conduzisse o povo à liberdade, do cativo da decadência em que Portugal se encontrava. Sua intenção, de fato, não era anunciar o aparecimento de um poeta isolado nem o de uma obra capaz de superar a de Camões, mas, sim, o de uma obra poética que reunisse o espírito português, então disperso e estagnado, marcando o início de uma nova era de grandes e surpreendentes conquistas. Portugal pode considerar-se um exemplo a ser seguido pelo mundo. Pessoa pretendia que esse sentimento tivesse um caráter mais globalizado, chamando a atenção da humanidade. E é nesse sentido de universalidade que a obra de Pessoa desenvolve sua especulação filosófica.

Fernando Pessoa escreve *Mensagem* em sua fase mais transcendental. É seu único livro em língua portuguesa, composto durante um período de mais de vinte anos

– entre 1913 e 1934. Por meio de Pessoa eclodiu o grito incontido na alma portuguesa, ávida de arregimentação do espírito cívico de reconstrução de Portugal, semelhante ao período dos grandes descobrimentos daquela nação.

Os poemas do livro estão organizados de forma a compor uma epopéia fragmentária, em que o conjunto dos textos líricos acaba formando um elogio de teor épico a Portugal. Traçando a história do seu país, Pessoa envereda por um nacionalismo místico de caráter sebastianista. Está dividido em três partes: Brasão, Mar português e O Encoberto. Estruturado de maneira extremamente complexa, *Mensagem* tem uma forte carga simbólica e faz alusão a vários momentos por que passa a nação portuguesa. O título original era Portugal mas, quase no último momento, decide mudar de título, a pretexto de que o nome de sua pátria estava “prostituído e com os pés feridos”, mas na verdade o faz para melhor salientar que a epopéia da salvação nacional é, em sentido figurado, a aventura da salvação da alma pessoal: esse livro épico e mítico é antes de mais nada espiritualista e místico.

Bosi, em sua obra *O ser e o tempo da poesia*, nos aponta a ressacralização da memória mais profunda da comunidade presente na poesia mítica como uma resposta ao presente estéril. Quando a mitologia tradicional falha ou não está adequada a esse projeto de recusa, é sempre possível sondar e remexer as camadas da psique individual. “A poesia trabalhará, então, a linguagem da infância recalçada, a metáfora do desejo, o texto do Inconsciente, a grafia do sonho”. (BOSI, 2000, p. 174)

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou ‘spaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna
[Fernando Pessoa, “A última nau” (*Mensagem*)]

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da verdade
[Fernando Pessoa, “Horizonte” (*Mensagem*)]

Mensagem parte de um arquétipo mítico vazio, o Encoberto, para a tentativa de historicizar esse mesmo arquétipo mítico vazio. É o que Carlos Reis (2001, p. 94) nos aponta ao falar em imaginário cultural na obra literária como uma forma de valorizar nela sua capacidade de referência aos mitos culturais reiteradamente enunciados: o ascendente da tradição, o prestígio do clássico e a relevância de temas literários multiseculares (amor, tempo, morte, etc.). García Berrio refere-se também a esse imaginário cultural que aprofunda

os poderes de ressonância poética das realizações literárias anteriores, consolidadas em sua dimensão de mitos artísticos (BERRIO, 2000, p. 362). Assim, ao compreendermos *Mensagem* como uma epopéia que parte da consciência de um vazio histórico, da consciência de uma trajetória histórica já cumprida e esvaziada para a proposta final de re-historicizar essa história vazia, percebe-se o empenho de Pessoa em recolocar esse contexto de nação enquanto história, enquanto mito em um novo contexto histórico.

Pode-se perceber essa tentativa de atualização do mito claramente no verso final: “É a hora!”. É a hora de quê? É a hora de participar de uma nova formulação de história que não está no plano dessa história já cumprida. Afinal de contas, como se lê em “O Infante”, o primeiro dos poemas da segunda parte da *Mensagem*:

Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Cumprir-se Portugal como? De que forma? Em que perspectiva? Na perspectiva que está definida no poema “A Prece”, com que o poeta finaliza também a segunda parte, “Mar Português”, e diz:

Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistaremos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Nesse sentido, Pessoa busca grandes figuras da história portuguesa no intuito de levar à consciência dos portugueses as ações sobre-humanas dos seus antepassados, exemplos de uma loucura virada para o futuro (LIND, 1981, p. 480). Nos versos de *Mensagem*, esta loucura criadora já não é uma particularidade dos poetas, dos fundadores de religiões ou dos filósofos. Pertence a todos aqueles que tentam realizar um grande projeto nacional e que não se satisfazem unilateralmente nos gozos de uma sociedade de consumo. Esta atitude culmina na poesia dedicada a Dom Sebastião (Brasão).

D.SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?”

Dom Sebastião é um herói da desgraça, trágico. Marcado não só pela sua tragédia individual de morrer em Alcácer Quibir, aos 24 anos de idade, desmontando o seu projeto de ser o grande imperador do V Império, o grande rei, o grande dominador, mas o herói que carrega consigo na sua morte a tragédia da própria nação, que com ele termina caindo sob domínio da Espanha. Aquele que sonhou a realização do quinto e último império, que seria o império de Cristo sobre a face da terra, dominando todos os continentes, de Ocidente a Oriente. Termina este rei morto e este reino perdendo a sua própria identidade, a sua própria independência, caindo, em 1580, sob o domínio dos Felipes, de Espanha.

Um herói que falhou o empreendimento épico a que Camões e outros o tinham incentivado, falando, em primeira pessoa, do seu sonho de grandeza e assumindo-se orgulhosamente como louco, capaz de partir e de se deixar morrer por uma idéia de grandeza no areal de Alcácer Quibir.

Só que nesse areal ficou apenas o que nele havia de mortal: “Ficou meu ser que houve, não o que há”. O que sobreviveu foi, afinal, o mais importante: o ser que há, que permanece, que é imortal: o sonho – loucura – “de querer grandeza / qual a Sorte a não dá”.

Afinal, diz este Rei-louco na segunda estrofe, o que é necessário é que outros venham pegar no seu sonho – divina loucura – e o retomem, porque

Sem a loucura, que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

Este final define a loucura, o sonho, como o que distingue o homem da “besta sadia, cadáver adiado que procria”. Dá o tom último à *Mensagem* pessoana: o louvor da loucura que distingue o homem do animal e o faz ir em frente, haja o que houver, na busca da realização do sonho.

Mas, o que se entende por loucura? Que distinção podemos fazer entre normalidade e loucura? Vamos buscar na Antipsiquiatria subsídios para nossa discussão. A Antipsiquiatria, segundo Duarte Júnior (1986, p. 69), é uma proposta formulada pelos psiquiatras David Cooper e Ronald Laing, a partir de divergências com relação à Psiquiatria tradicional. A Antipsiquiatria se contrapõe à Psiquiatria tradicional no que diz respeito ao conceito de loucura – uma doença psíquica grave que isola o indivíduo portador de comportamento diferente da norma. Na Antipsiquiatria, a normalidade não é o avesso da loucura, mas sim uma forma alienada de existência. Isso porque o normal é definido em termos estatísticos: normal é o que a maioria das pessoas faz, num determinado contexto. Se normalidade é definida estatisticamente, e se as estruturas sociais estão doentes, o indivíduo normal é aquele que se adapta às regras opressivas da sociedade, que não as questiona, que as aceita passivamente. O louco seria uma voz inaudita de resistência a essas regras opressivas.

Na realidade, perante o poder mobilizador da loucura, a morte não passa de contingência física. Tal “divina loucura” é fonte de energia que leva o homem a ser mais do que é, na sua contingência física feita de fraqueza. A morte é muito pouco e não é, de fato, o que pode impedir que o sonho prossiga noutras mãos. Lind (1986, p. 481) observa nesta poesia de Fernando Pessoa uma viva admiração pela loucura de Dom Sebastião e um desprezo acentuado pelo homem “besta sadia”, que passa a vida sem ideais, sem grandes projetos, contentando-se com o gozo materialista - o homem “normal”. A loucura de Dom Sebastião soa como um sopro de esperança, uma possibilidade de ruptura com a morte e a estagnação de um povo que conheceu a glória e a depressão. A loucura representa o sonho, um mergulho no desconhecido e encantador mundo de sentimentos e emoções que o poeta nos oferece em palavras e símbolos numa transcrição de seu mundo interior. Dom Sebastião retorna do imaginário popular português como uma promessa de rebeldia e resistência contra a alienação e a estagnação. Afinal, se não fossem os loucos revolucionários ao longo da história da humanidade, muito de nosso avanço tecnológico e científico não teria ocorrido. Só se muda o que não está bom e, por outro lado, toda mudança provoca resistência e medo. Melhor que um “cadáver adiado que procria” é pensar o homem como alguém que pode criar, amar, desejar, arriscar, enfim, viver e até morrer por um ideal.

Referências bibliográficas

- BERRÍO, A. G. **Teoria de la literatura: la construcción del significado poético**. Madrid: Cátedra, 1989.
- BOSI, A. **O ser o e tempo da poesia**. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COELHO, J. P. **A letra e o leitor**. 2.ed. Lisboa: Moraes, 1977.
- _____. **Camões e Pessoa: poetas da utopia**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.
- _____. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. São Paulo: Verbo/EDUSP, 1977.
- DUARTE JUNIOR, J. F. **A política da loucura**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1986.
- LIMA, L. C. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LIND, G. R. Fernando Pessoa e a loucura. In: **Estudos sobre Fernando Pessoa**. Vila da Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- PESSOA, F. **Mensagem**. Lisboa: Livraria Antônio Maria Pereira, 1934.
- REIS, C. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. 2.ed. Coimbra: Almedina, 2001.